

A PAISAGEM SERTANEJA DE GUIMARÃES ROSA NO ROMANCE
“GRANDES SERTÃO VEREDAS”

Solange Terezinha de Lima

Departamento de Geografia, IGCE/UNESP, Campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil

Para Guimarães Rosa, a transposição, a transformação dos aspectos, dos símbolos regionais para a dimensão universal, é realizada de forma a revelar, a entremostrear seus próprios sentimentos e percepções, em quanto indivíduo do sertão, em suas estórias e pelos seus personagens do gerais. Em relação à sua percepção de mundo a partir do meio ambiente, como também em relação às suas trocas afetivas e experiências de caráter topofílico, o escritor se expressa, em entrevista a Gunter Lorenz⁽¹⁾, sobre este seu sertão, com as seguintes palavras:

*“Por que este pequeno mundo do
Sertão, este mundo original e
cheio de contraste é para mim o símbolo, tal vez mesmo modelo,
do meu universo...”*

*Eu carrego um sertão dentro de
Mim, e o mundo no qual em vivo
É também o sertão”*

Assim, ao consideramos estas transposições dos elementos regionais em um romance, da relação Homem- Natureza para a dimensão universal, precisamos ter em mente a intencionalidade do reflexão cosmológica, implícita ou explícita, em sua obra.

Guimarães Rosa atingiu sua intenção, aou universalizar o espaço sertanejo de Minas Gerais, Brasil, em “Grande Sertão: Veredas”, alcançado a dimensão metafísica de um determinado lugar, em um determinado lugar, em um determinado tempo, transmutando o sertão em Cosmo e estado de alma atemporais.

No romance, o espaço configura-se na região Noroeste de Minas Gerais, e o tempo, nos finais do século XIX, início do século XX, porém Guimarães Rosa permite que este sertão esteja em toda a parte, até mesmo dentro dos homens, plasmando ainda sua substancial distinção no rol dos escritores brasileiros, ao tratar da paisagem e da vida sertaneja, numa alquimia de valores e símbolos locais e universais, individuais e arquétipos.

Desde a sua publicação em 1956, “Gran Sertão: Veredas” tornou-se um clássico da Literatura Brasileira, chegando a ser considerado por muitos críticos como o obra- prima rosiana e também uma das década de cinquenta, renovando como originalidade o romance regional brasileiro.

¹ João Guimarães Rosa, “Literatura deve ser vivida- Um diálogo de Gunter W. Lorenz com João Guimarães Rosa”. Exposição do Novo Livro Alemão, Frankfurt am Main: 1971, p. 295.

Neste romance interesse pelo espaço já está revelando no próprio título, com seu jogo de significados, mostrando faces da relação Homem- Natureza. Assim, o espaço geográfico tem sua relevância, enquanto elemento natural que apóia a composição: no entanto, transcendendo esta situação, ao captar a “atmósfera” do sertão dos Gerais, sugere a amplitude de um outro espaço, isto é, um espaço simbólico, mitopoético, tornando este sertão um mundo de signos e sentimentos.

Na realidade, um espaço vivido, que se justifica por suas funções durante a narrativa, sendo entendido mais profundamente com o estabelecimento das relações com outros elementos tais como as tramas, os operagens, os jogos metafóricos criados por Guimarães Rosa a partir da inspiração dos componentes paisajísticos.

Assim sendo, a percepção geográfica desta paisagem não reduz, no romance, a simples menção fragmentária dos espaço sertanejo dos gerais, nem a uma descrição reduzida às generalizações dos locais. Guimarães Rosa guia nosso olhar ao longo das trilhas que ele próprio traçou neste sertão, despertando nossos sentidos para a redescoberta desta realidade, para auscultarmos a linguagem silenciosa deste sertão.

A expressão chamativa “Mire e veja”, tão comum durante a fala de Riobalbo, é um convite, quase beiberando uma ordem sutil, para, a través do olhar, estabelecemos relações entre a diversas etapas se transformação e mutação interiores do ser humano, refletida na identificação personagem/Natureza.

Desta forma, em todo o romance, podemos observar que os níveis de referência sobre o espaço narrado se estendem, fundamentalmente, sobre os dois planos: o geográfico e o simbólico. O plano geográfico se apresenta com valores referenciais, informativos, sobre as localizações, sendo a origem da criação das imagenes mentais, levando-nos a situar os acontecimentos em determinada região real, concreta. Já o plano simbólico é apresentado como reorganizador desta realidade geográfica, valorizando o espaço reencontrado, vivido, transformado os elementos visíveis da paisagem em geosímbolos de um novo, essenciais para a compreensão dos aspectos qualitativos do universo sertanejo rosiano.

Entretanto, os níveis espaciais, o real e o simbólico, não se separam, mas se superpõem ou aparecem paralelos, completando-se. O rio São Francisco, por exemplo, passa a ser o espaço limiar, isto é, aquele que se situa entre os limites da realidade e do imaginário ou simbólico- mítico, do Bem e do Mal, do Sagrado e do ódio, da Guerra e da Paz. Assim, o espaço, enquanto símbolo, nos fala através de mensagens planas de sentido, ultrapassando o falar dos homens, expressando o “indizível”, recuperando a paisagem, enquanto valor simbólico.

Ao partir de sua experiência documentária da realidade geográfica do sertão de Minas Gerais, sua terra natal, uma região aparentemente sem fim, entremeada por cerrados, chapadas, rios, veredas e buritizais. Guimarães

Rosa atribui ao mundo pitoresco e rústico desta paisagem sertaneja brasileira um significado muito maior.

O escritor conseguiu atingir por certo a través do seu personagem, uma expressão original da universalidade da suas origens, a interpretação de sua existência vivida, conforme o que cada um vê e entende, segundo o seu modo, sua percepção, partindo de suas estruturas de visão de mundo, em tentativas de “descobrir a lógica das coisas, dos sentimentos” (2).

Assim, o sertão, percebido pelos personagens através do autor, torna-se capaz de nos absorver inteiramente em seu universo psicológico. Esta absorção nos transporta aos seus inúmeros lugares, fazendo-nos sentir, mesmo sem o conhecimento objetivo o direto, este sertão que “é dentro da gente (GS: V, 28) (3) e, ao mesmo tempo, “esta em toda parte” (GS: V, 08), de acordo com as expressões do personagem Riobaldo.

Pelas trilhas de suas reflexões, Rosa/Riobaldo nos permite penetrar na realidade estranha e mágica, no contexto intimista deste sertão, vivenciado seu espaço, para também senti-lo como “lugar”. Não evocando simplesmente imagens literárias ou mentais sobre o sertão, mas, fazendo-nos “ser o sertão”.

Para Guimarães Rosa, o espaço descrito no romance e que abarca vários níveis era, inclusive para ele próprio, um espaço onde o sentimento do topofilia se encontra presente, permeado, tão o romance, transmitindo com lirismo a emoção de unir-se à realidade sertaneja. Para o escritor, o Gerais era um sertão construído por lugares amados, temidos, máis vividos, experienciados de modo intenso e integral, transposto para as vivências de seus personagens, mediante uma interiorização deste espaço.

Como consequência, as paisagens mais factuais descritas na obra são percebidas pelos personagens de tal forma que nos sugerem uma variedade muito rica de matizes de experiências perceptivas e afetivas, onde os sentimentos derivados de amore e do ódio filtram as imagens percebidas e redimensionam os símbolos no espaço.

O espaço-mundo que abriga os movimentos da saga do sertanejo Riobaldo está, geograficamente, circunscritos aos limites do Noroeste do Estado de Minas Gerais, entendendo-se em alguns dos seus episódios até regiões fronteiriças do Sudoeste do Estado da Bahia. Ao adquirir a conotação simbólica pela afetividade, ultrapassa a exterioridade dos limites puramente territoriais desta região, para atingir a consciência de uma dimensão relacionada ao espaço vivido.

Neste prisma, na concepção rosiana, há somente um sertão, um “grande sertão” que se exprime numa imagem expressiva de sua vastidão, crescendo,

² Antonio Cândido de Mello e Souza, *Tesse e Antítese* São Paulo: Nacional. 1964, p 139.

³ João Guimarães Rosa. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 18ª edição As citações das indicações bibliográficas sobre o romance “Grande Sertão: Veredas” deverão, a partir de agora, ser mencionadas no presente artigo sob a seguinte indicação: (GS: V, n. da Página), isto é, as iniciais do romance, seguidas do número da página obedecendo á citada referência.

expandindo-se, chegando a ser do “tamanho do mundo” (GS: V, 68), superando a concretude da realidade espacial. Mas também, encontrando-se nios limites interiores, na dimensão íntima de um coração, num estado de ser, ou de lama.

Deste modo, a realidade geográfica levantada no romance não encontra totalmente diluída ou distorcida pela realidade estética da ficção. Esta realidade sertaneja encontra-se transformada, numa síntese renovadora formada pela objetividade de razão e pela subjetividade da razão e pela subjetividade do sentimento e da emoção, conduzindo-nos a uma nova visão desta realidade-Sertão/Espaço e Sertão/Lugar.

Na obra rosiana em estudo, o meios ambiente, suas paisagens são interpretadas pelo escritos, em toda a sua magia, força de expressão lírica, ao mesclar, em diferentes graus, a relação afetiva entre os Homens e a Natureza, por meio de toda a subjetividade que reside no interior mais recôndito de escala um de nós.

As paisagens sertanejas descritas por Guimarães Rosa nos conduzem a uma teia de experiências sensoriais equivalentes aos variados universos subjetivos particulares de cada personagem do romance. Estas teias, de certo modo, são estruturadas pelo conhecimento da realidade preexistente e pelas imagens elaboradas a partir dela, lastreadas pela individualidade que caracteriza os personagens, que percebem esta realidade, ora como fato estático e objetivo, ora como fenômeno dinâmico, num contínuo de transformaciones na ação de descobrir a extensão e a profundidade da realidade vivida.

Mais uma vez vez, vemos assim reforçados os aspectos da realidade subjetiva, onde a dimensão interna surge latente por todo o sertão, à medida que são atribuídos os símbolos e signos à dimensão extrema deste espaço.

Nesta integração entre o culto e o revaldo, descobrimos o significado interior, descobrimos o significado interior dotado de uma força vivificante, numa linguagem que re-cria, redimensiona a realidade sertaneja, fazendo com que o desconhecido se torne copnhecido ou re-conocido, exteriorizado, personificando o sertão. Trata-se, portanto, de ser sertão, e não apenas transmitir uma imagem de sertão.

Nesse caso, torna-se necessário descobrirmos os rumbos constituídos pelas diferentes trilhas de efetividade no remense. Estas trilhas nos permitem adentrar no espaço e nos lugares deste sertão, conduzidos pelos personagens Riobado e Diadorim, até nosso olhar captar a real essência das paisagens rosianas, para depois interpreta-las e trauí-las sob a linguagem dos símbolos, que podem transfigurar a individualidades sertaneja em significados de carácter universal.

Em todo o romance, o espaço reencontrado através da narrativa de Riobaldo adquire uma amplitude simbólica crescente na evoção de imagen relacionadas à estória vivida por ele e Diadorina, expressando uma dinâmica constituída por um espaço de emoções, sentimentos, questionamentos reflexivos mais

profundos que se interrelacionam num pensar- sentir- perceber, onde cabem contradições e a busca de um equilíbrio delicado, efêmero, ameaçado pela fatalidade de uma travessia perigosa por este sertão. Perante esta situação, as paisagens geográficas passam a estar impregnadas de sentido simbólico que transforma seus componentes em geosímbolos desta verdadeira saga sertaneja.

Mediante suas reflexões, suas inquietações, Riobaldo nos dirige a um espaço vivido, pelas trilhas deste Gerais, munidos com mapas que nos permitem apontar a realidade objetiva, visível, rastreando um espaço de sertão e veredas subjetivo, interno. E, justamente, por ser um espaço interno, de verdadeiras travessias entre reflexões éticas e filosóficas existenciais e espirituais, torna-se um espaço onde as paisagens vividas ou alguns dos seus elementos passam a ser significantes, de acordo com o contexto da narrativa, assumindo significados a través do sentimento, da emoção expressa pelo personagens.

Deste modo, as expressões da efectividade do estado de alma destes personagens impregnam de símbolos os vários lugares, individualizando os mesmos, de forma crescente, porém sujeita a metamorfoses, mutações, conforme os acontecimentos no desenrolar da narrativa.

A percepção de Riobaldo em relação à paisagem sertaneja dos Gerais é mostrada em etapas evolutivas, crescente. A cada etapa, este universo geográfico percebido é enriquecido por meio das observações recolhidas em cada experiência, onde a apreensão da Natureza se torna mais refinada em detalhes, em sensações, conhecimentos minuciosos e referenciais simbolizantes. Assim, segundo Costa ⁽⁴⁾, podemos afirmar, durante toda a leitura deste romance rosiano, “que a descrição do espaço não é ornamental nem aleatória, o narrador procura a “sobrecoisa”, que é seu valor simbólico”.

Nesta obra Guimarães Rosa/Riobaldo buscam a traves de um espaço a significação do Homem e/no Mundo, encontrando uma realidade e mais nas paisagens e nos seus elementos visíveis. Nesta realidade além das coisas, os símbolos constroem e reconstroem uma teia de significados que (re)definem a própria realidade de modo intenso profundo, vibrante.

Na verdade, são faces, imagens de um mesmo todo, que não se separam porque são símbolos da experiência de Riobaldo em seu espaço vivido, ou seja, são a extensão da vida, das idéias e emoções deste personagem projetadas na paisagem. São como os buritis que pertencem às águas e à terra, mas juntos assinalam as veredas em meandros pelo sertão.

Assim sendo, o reencontro do seu espaço vida a través da narrativa nostálgica das suas lembranças é facilitando, é medida que as paisagens sertanejas se encontram pontilhadas de representações simbólicas. A percepção do espaço vivido permite a Riobaldo associar às paisagens de sua vida e do encontro as características das pessoas e dos lugares que conheceu, estruturando este

⁴ María María de Costa, “(A) Cláraguas ou A Simbologia do Elemento Aquático em Grande Sertão: Veredas” (op. cit). P. 237.

mesmo espaço numa profunda dimensão simbólica que influencia sua própria percepção e sua memória, no processo de ordenar seu passado.

Isto nos leva a considerar que os símbolos atribuídos à paisagem do sertão dos Gerais por Riobaldo, como a expressão silenciosa da compreensão de sua vivência neste espaço, são, ao mesmo tempo um produto da sua percepção e um recurso para compreender os pensamentos, emoções, sentimentos advindos de sua experiência, auxiliando o entendimento da narrativa.

Rumo o rumo, rastreando entre uma vereda maior e outra, por fundo de todos os Gerais encontramos estão um espaço geográfico capaz de nos levar a ter acessos à própria identidade do personagem, estabelecendo suas relações e experiências fundamentais, baseadas nos questionamentos antigos sobre o ser e o não ser, ou entre o mais-ser eo maister, em contrapontos entre Universo e Sertão, Caos e Cosmo, Logo e Mythos, Deus e Demônio.

Ao encontrarmos os sentidos da travessia deste sertão por meio dos símbolos, ou da transformação simbólica, alcançamos a multiplicidade deste espaço-sertão vivido, numa expressão da integração da natureza do seu meio ambiente, refletindo a interação entre o campo interior e o campo exterior, numa sofrida travessia, forjando na margem final o seu espírito de sertanejo.

Assim, ao analisarmos o espaço de “Grande Sertão: Veredas”, podemos dizer que os homens e as paisagens não São partes ou imagens isoladas ou incompatíveis de uma mesma realidade geográfica, más que formam um todo integrado, onde existem relações de dependência de um para outro, ordenando um Cosmo onde antes era Caos.

Nesta visão, a paisagem rosiana sertaneja é parte da vida emocional e concreta dos seus personagens- habitantes, sendo u espaço dos acontecimentos da vida e das evoluções dos seus sentimentos. Esaço- identidade de um modo de ser e ter; sentir e perceber, mirar, pensara e refletir, como também de querer o crer, mas sobretudo de viver em, travessias.

Deste modo, as dinâmicas geradas pelas travessias dos personagens, além de serem concretas, enquanto andanças pelos caminos rudes bruscos e inóspito do sertão Gerais, transcendem este plano, passando a significar as transformações da vida e dos sentimentos e, por consequência das suas visões de mundo.

Mediante estas dinâmicas, recuperadas pelas lrmbranças, o sertão e suas veredas, enquanto espaço, transformam-se no catalisador esencial dessa busca do próprio significado da vida para Riobaldo, onde:

O que vale, são outras coisas. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros, acho que não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que era

como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim é que eu conto. O senhor é bondadoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data, o senhor mesmo sabe (GS:V, 92).

Este reencontro propiciado pela suas resordações, lembranças resgata o valor do seu espaço vivido o espaço de sua historia pessoal, com suas referências simbolizantes individuais durante as travessias neste sertão de faces e luzes e sombras, de inesperados encantos e repugnâncias surpreendendo o cotidiano, estabelecendo uma memória não cronológica, más baseada no valor simbólico- afetivo inerente a ele.

Durante estes processos de crescimento e descobertos interiores, a travessia pelo sertão e suas veredas ocasiona pausas na vastidão deste mundo sertanejo em metamorfoses durante o todo tempo. Pausas que oferecem estímulos, a partir do reconhecimento da nossa própria experiência com o espaço geográfico, para o desenvolvimento e compreensão do diferentes níveis de espaços apresentados pelo escritor/personagem.

Pausas entre o visível e invisível, entre interno e o externo de uma paisagem, entre a diversidade de imagens, líricas ou não, reais ou fictícias, mas impregnadas de significados, de vida própria, pelos sentimentos que o experienciar, objetivo o subjetivo, dos lugares nos proporciona, principalmente, como “fonte de recriação de seu sentido”, mediando a universalidade a través da condição única do indivíduo.

BIBLIOGRAFIA

Dardel, Eric. L. “Home el La Terre”. París: PUF, 1952.

Garbuglio, José Carlos. O Mundo Movente de Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

Rosa, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Souza, Antonio Cândido de Mello. Tese e Antítese. São Paulo: Nacional, 1964.

Tuan, Yi-Fu Topofilia: São Paulo: DIFEL, 1980-

_____ Espaço e Lugar. São Paulo. DIFEL, 1983.